

TOMÁS DE AQUINO E PAULO FREIRE

Pioneiros da inteligência,  
mestres geniais da educação  
nas viradas da história

**Coleção DIALOGAR**

---

- *Buscadores cristãos no diálogo com o Islã*, Faustino Teixeira
- *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*, Claude Geffré
- *Paradigma teológico de Tomás de Aquino*, Carlos Josaphat
- *Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história*, Carlos Josaphat

# TOMÁS DE AQUINO E PAULO FREIRE

Pioneiros da inteligência,  
mestres geniais da educação  
nas viradas da história

FREI CARLOS JOSAPHAT



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Revisão: *Caio Pereira*  
*Tiago José Risi Leme*  
*Leidson de Farias Barros*

Capa e diagramação: *Raquel Ferreira*  
Impressão e acabamento: PAULUS

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Josaphat, Carlos

Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência,  
mestres geniais da educação nas viradas da história / Carlos  
Josaphat. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Dialogar.

ISBN 978-85-349-4303-1

1. Educação - Filosofia 2. Filosofia medieval
3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação
4. Sociologia educacional 5. Tomás de Aquino, Santo, 1225?-1274  
- Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

16-03275

CDD-370.1

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Filosofia da educação 370.1

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627  
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4303-1

## PREFÁCIO

O livro de Frei Carlos começa com um título lindo e provocante, porque realista e poético ao mesmo tempo. Valoriza o que impregna e caracteriza o “si próprio” do autor e da sua longa vida: a verdade histórica, a inteligência, a maestria no fazer, o amor pela educação humanista e o respeito pela historicidade.

Digo isso não apenas pela leitura deste livro. Conheci o autor quando eu tinha quinze anos de idade, e ele, tendo “aterrissado” no Recife dos anos cinquenta, foi convidado por meus pais, Aluizio e Genove Araújo, para ser o capelão e professor de religião (católica, obviamente) do educandário de propriedade deles, o Colégio Oswaldo Cruz. Entrou para a história do Colégio depois de Paulo Freire ter ido para o SESI. Não se cruzaram por lá, um não sabia do outro.

Padre Josaphat não se demorou no Recife. Progressista demais, a ordem religiosa da qual então fazia parte o removia para lá e para cá, na tentativa de que esquecesse que educação se faz com dedicação, cuidado, inteligência, maestria e amor, segundo os ditames dos contextos da realidade social, para tornar meninos e meninas felizes, curiosos e orientados no sentido de se engajarem na luta por um mundo melhor. Assim, não deveriam permanecer parados no tempo, apenas *no* mundo, mas *com* o mundo. Ao contrário, “os outros” acreditavam que educação se faz para a fé, para a obediência, para a perpetuação-permanência das seculares crenças religiosas e sociais. Para a *não mudança*.

Os anos se passaram e quis o “destino” – quis Deus? – que Paulo e frei Carlos se encontrassem fisicamente num dos momentos mais bonitos e da maior ebulição intelectual e social da história do Brasil. Estiveram juntos na luta por um país de todos e todas. Paulo, trabalhando no Programa Nacional de Alfabetização, do governo Goulart, formando monitores/as para a alfabetização, fazendo conferência e dando entrevistas pelo país todo sobre cultura e educação; e frei Carlos no comando do jornal *Brasil Urgente*, de comunicação político-social-crítica, das Perdizes, em São Paulo, “incendiando” o Brasil. Infelizmente foram ambos destruídos pelo golpe civil-militar que nodou o nosso país e feriu profundamente o nosso povo em 1964. Separados, só se encontrando na Suíça, nos anos 70, Paulo em Genebra, e frei Carlos em Friburgo, caminharam juntos, cada um a seu modo, no sonho de uma educação para a tolerância, para o respeito, para a justiça, para a solidariedade e para a humanização de todos e todas, independentemente de classe social, gênero e local de nascimento. Educação pela *conscientização de todos e todas*, para que pudessem se saber na condição de sujeitos da história, e não apenas de objeto, e dela se apropriarem.

Neste livro, frei Carlos estudou as posições, as doutrinas e as sugestões de São Tomás de Aquino e de Paulo Freire para a existência de seres humanos como sujeitos éticos, sérios e felizes. O leitor certamente ficará curioso em saber e refletir sobre questões nas quais eles coincidiram, tangenciaram-se e se antagonizaram.

Convido o leitor e a leitora a fazerem a sua busca, sem nenhuma ajuda minha. Deixarei o leitor e a leitora se envolverem nessa leitura instigante: como comparar dois homens que viveram separados por milênios, por formação e culturas tão diferentes, porém estando, em pleno século XXI, unidos pelas suas propostas de uma educação para o

cumprimento da *vocação ontológica dos seres humanos*? Como viúva e conhecedora do corpo, da alma e da inteligência de Paulo, e sobretudo porque pouco conhecedora das ideias e obras do santo dominicano, eu mesma, repito, vou fugir dessa tarefa que os leitores terão de fazer com o livro, com o autor, com sua curiosidade epistemológica. Vou me ater a dizer algumas poucas palavras sobre o homem a quem amei profunda e verdadeiramente.

Conhecendo-me desde adolescente, o autor se refere a mim várias vezes neste livro, exatamente sobre essa minha virtude de saber amar; de ser solidária com o meu parceiro de alegrias e dores, de buscas do saber e de sua socialização para o bem comum; de ser companheira verdadeira. Na verdade, era-me, e é-me ainda hoje fácil amar Paulo. Sua presença irradiava o bem, a valorização e a crença no outro/a, o bom humor, a aceitação das fraquezas alheias (e das próprias), a capacidade de escutar para aprender, a necessidade da convivência, do toque e de admirar a beleza do mundo com quem amava!

De todos os reconhecimentos que frei Carlos fez de mim como mulher de Paulo, um deles o recebi com emoção e homenagem extrema. É uma transcrição neste livro de um trecho da biografia de Paulo que eu escrevi, rememorando-o depois de morto:

Ouso transcrever aqui a sentença, poética e quase mística, com que Ana Maria Araújo Freire, ao ver que Paulo tinha partido, o canonizou, contemplando seu rosto inanimado: "Cara mansa, quase sorrindo, parecia que via Deus. Ao Deus que ele tanto serviu como bom cristão. Como o educador ético e político. Como o educador dos oprimidos e das oprimidas. Como o teólogo da libertação".<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006, p. 616.

Frei Carlos, muito obrigada, sinto-me verdadeiramente honrada com este livro, sobretudo por ter posto Paulo Freire, meu marido, ao lado, no mesmo nível de admiração – seria pretensão minha dizer que acima, sem com isso ter cometido o senhor nenhum pecado – do seu tão venerado São Tomas de Aquino!

*Ana Maria Araújo Freire (Nita)*  
São Paulo, 24 de fevereiro de 2015.



## HOMENAGEM MAIS QUE MERECEIDA

Este livro é especialmente dedicado aos educadores e educadoras. É uma homenagem a todos que aí vivem lutando e labutando para realizar o sonho de Paulo Freire e as aspirações vividas e esboçadas por Tomás de Aquino: “resgatar o mundo pela educação”.

Por um imperativo do coração, permitam-me priorizar as professoras. Foram as primeiras que me pegaram pela mão e prepararam para um dia encontrar Tomás de Aquino e Paulo Freire. Os nomes encantam, esbanjando delicadeza e felicidade. Uma se chamava Felicidade. Outra, Benigna. E outra, Celeste. Com elas, aprendíamos que nosso país já passou por uns maus pedaços de história. Todo mundo tinha escravo. E a desigualdade enfeava tudo em toda parte. Tudo falho ou minguido. O trabalho, o salário, o cuidado com a saúde, o pão, a roupa, a casa. E coitadas das regiões largadas do Nordeste e das pessoas humildes do sertão.

“Mas agora, – retomavam essas mestras com muito carinho e algum entusiasmo –, agora, meninas e meninos queridos, vocês vão crescendo em uma pátria que está se educando. Está progredindo na civilização e em tudo”. E, deixando desabrochar aquele incansável sorriso delas, sentenciavam apontando para os gestos de gentilezas que nos ensinavam: “É por isso que as meninas se assentam junto com os meninos, sem diferença de cor nem de fortuna”. Que beleza, a igualdade, o amor, a ternura, a dedicação para fazer todos e todas felizes.

Obrigado, Dona Feliciano, Dona Benigna, Dona Celeste. As senhoras rebateram em nós o machismo hereditário. E se afanavam em nos introduzir no reino do social, na história, na esperança e na militância da justiça e da paz.

E como esquecer aquela que está colaborando neste livro, a secretária, a “afilhada” de Paulo Freire, a qual estava ao seu lado quando ele partiu para alfabetizar os anjos, como se diz lá no Pernambuco. É a Professora Lílian Contreira, uma afetuosa e muito competente discípula de Paulo Freire e bastante fã de Tomás de Aquino. Ela merece enfeixar o prólogo da gratidão, da amizade e da esperança — inaugurando este livro de conversa e aprendizagem com os dois pioneiros da inteligência e mestres do estudo integral e libertador.

## **RAZÃO DESTE LIVRO**

Dialogar com quem questiona  
os rumos da história

A ideia deste livro acompanha caprichosamente o autor desde umas tantas dezenas de anos.

Certas ideias, de início desprovidas da clareza, que em vão Descartes lhes prescreve, surgem assim, no claro-escuro, imitando o verde elã escondido que faz nascer a relva e desabrochar as rosas. E não se cansam de dar sinais de sua presença em ocasiões de decidir do que entra no computador e partirá depois em busca de um público amigo. A bem dizer, não se impõem. Mas, com jeito, dão de crescer, de ocupar e mobiliar espaço, contando com a discreta convivência dos neurônios, mestres em adivinhar os toques do coração.

Não dá mesmo para resistir. O jeito é escrever o livro.

Ele já se anunciava como projeto discreto em um escrito de 1999:

Como seria interessante confrontar Tomás de Aquino e Paulo Freire. A doutrina medieval do primeiro é uma visão original e criativa, fundada em uma metafísica do conhecimento, fiel à grande tradição filosófica e atenta à observação do dinamismo da inteligência. Paulo Freire redescobre e até inventa simplesmente uma pedagogia integral e dinâmica, enraizada no contexto latino-americano, mas abrindo-se a um universalismo concreto e aos problemas da realização da liberdade e cidadania para a humanidade nesta era da globalização. Estão aí dois mestres, separados

no tempo e no espaço. Mas balizam e iluminam os nossos caminhos rumo à Nova Era do Espírito.<sup>1</sup>

Uma vez esse conjunto de temas investigado e analisado na vida, nas atividades, nos escritos dos dois mestres, percebe-se que os campos se alargam, pois eles reclamam ser reconhecidos como empenhados em renovar o mundo, em promover a educação integral e libertadora. Será, então, preciso que suas mensagens, seus projetos, seus ideais e seus sonhos sejam confrontados com as tendências, opções e posições similares, que avançam com o tempo, o que pressupõe estudar a acolhida que tiveram, ontem e hoje, as atividades e doutrinas de um e de outro.

Portanto, haja concisão, pois, seus projetos, suas venturas e desventuras, hão de ser comparados, ao menos de leve, com eventos, movimentos e instituições que revelam um despertar das consciências, tais como a ONU, a Unesco, o Unicef, o Concílio Vaticano II, o Conselho Universal das Igrejas Cristãs, a União Mundial das Religiões. Para que a reflexão seja completa, na medida do possível, convém pôr em relevo figuras que abordaram o tema da educação libertadora já na aurora do Novo Mundo, tendo como porta-voz o eminente e criativo discípulo de Tomás, Bartolomeu de Las Casas.

Ajunte-se o aspecto prático do estudo a realizar. Com mais clareza e insistência, Paulo Freire proclama: a educação não pode ser neutra. Em si, ela tende a formar sempre a humanidade segundo e seguindo um sentido da vida e apoiando-se em um feixe de valores e direitos a promover. Ela tem que despertar as consciências para que se mantenham críticas e ativas diante da violação, e mesmo da exclusão desses valores e direitos fundamentais. Mas corre o risco constante de relegar esse programa positivo e passar a amoldar pessoas

---

<sup>1</sup> JOSAPHAT, C. *Tomás de Aquino e a Nova Era do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 81.

e sociedades na sujeição a ambições de ter, de aparecer e dominar. Aí, surgem o imperativo e a hora da militância, pois, a educação será inexoravelmente libertadora ou opressora.

Estaria, portanto, longe da verdade e da compreensão desses mestres quem pretendesse estudá-los, bem como seus projetos críticos e alternativos, de maneira neutra ou acomodando-os a serviço dos sistemas opressores ou corruptos, que sempre utilizam e manipulam a educação como sustentáculo do colonialismo de ontem e do neocolonialismo de hoje.

Em todo o decurso de nossa reflexão, procura-se justificar essa opção, estudando as posições, as doutrinas e as sugestões de Tomás e de Paulo tendo em conta estes dois postulados: esses mestres geniais não apenas estudaram os valores e os direitos humanos em si, de maneira teórica e universal, mas também tinham consciência de que o mundo estava dominado pela violência, pela injustiça instaurada no poder e nas instituições, tendo assim uma enorme carência dessa mensagem libertadora; eles mostram ainda, um e outro, que a convicção, em um mundo de lutas e conflitos, na verdade que ilumina as realidades, as classes, e tendências sociais, por si mesma é a luz que orienta a promoção da justiça e a garantia de todos os direitos para todos. De igual maneira, o valor supremo da liberdade inspira os projetos emancipadores em sociedades opressoras, levando à mobilização e à luta dos oprimidos.

Não é de qualquer educação que o mundo precisa. Mas de uma educação integral, promotora da verdadeira humanidade, animada pelos valores de liberdade, de responsabilidade e solidariedade. Portanto, o mundo carece da educação libertadora.

Sobre os temas essenciais da vida pessoal e social, encarados na perspectiva da educação que os orienta, os torna viáveis e operacionais, Tomás e Paulo nos indicam o bom caminho da pesquisa, da reflexão e da militância.

A decisão final se justifica pela convicção de que grande parte ou mesmo o essencial desse tema complexo e exaltante já está presente nos pensamentos, nas aspirações e generosas preocupações de muita gente. Pode-se presumir, sem grande risco: não falta quem gostará de entrar no jogo de confrontar doutrinas e experiências, textos e contextos, contando com uma apresentação sucinta e singela.

É a audácia que anima o escrito de quem se apoia no benévolo e audacioso provérbio medieval *intelligenti pauca* — “para leitor inteligente, poucas palavras” bastam para tudo e bem entender. Mais ainda, haverá gostoso diálogo nas alturas, em comunhão com os grandes mestres e guias da humanidade.